

Está tudo bem, diz o governo. (MAS HÁ QUEM DUVIDE)

O PMDB e o PFL estão em pé de guerra, trocando ameaças. Há críticas de todos os lados, só se fala nas crises política e econômica, mas já se organiza um forte bloco de apoio ao presidente Sarney.



Quércia e Ulysses (foto pequena) e um dia de decisões no plenário da Constituinte (foto maior).

Mesmo com a atual crise econômica rendendo críticas de todos os lados, o presidente Sarney está otimista — e acredita até que poderá conter mais essa onda de pessimismo. “O Brasil já passou por crises piores e a todas superou graças às suas potencialidades”, concluiu ele ontem, depois de um reunião com o ministro Dilson Funaro, da Fazenda, e o novo presidente do Banco Central, Francisco Gros — e é exatamente essas mensagens de alento que Sarney transmite hoje em sua *Conversa ao pé do rádio*.

A expectativa do governo é normalizar a economia no prazo máximo de 60 dias, segundo apurou ontem o governador eleito Orestes Quércia, que teve um longo encontro com Sarney no Planalto. Quércia só não sabe que medidas seriam tomadas para resolver a crise — “não sei se através de um pacote ou de um projeto no Congresso”. “Só posso dizer que saí do encontro muito tranquilo”, relatou Quércia. “Encontrei o presidente otimista e certo de que tem condições de enfrentar as turbulências do momento.”

A área militar também está tranquila e nenhum oficial manifesta qualquer descontentamento em relação ao governo. O que está havendo, segundo alguns militares, é um desencontro apenas da classe política, ainda às voltas com as discussões preliminares da Constituinte. Outros captam a existência de grupos interessados em “tumultuar o processo político”, apostando no desgaste da Constituinte — e esses grupos eles localizam tanto na esquerda como na direita.

Críticas

Nem tudo, porém, é tranquilidade. Há quem veja problemas na equipe ministerial, como o deputado Jorge Uequed (PMDB-RS), que foi ontem a Sarney para censurar o ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, que acusou o governo e o PMDB pelo fracasso do Plano Cruzado. “Os ministros têm direito à crítica, mas desde que estejam fora do governo”, atacou Uequed.

A falta de entendimento entre o governo e os partidos da Aliança Democrática também preocupa o governador eleito do Paraná, Álvaro Dias, que já pre-

vê, por conta disso, reflexos no Exterior com prejuízos às negociações com os bancos credores. “Orquestra desafinada perde platéia”, comparou Dias, depois de defender uma reforma ministerial “para recuperar a eficiência perdida do governo”.

O assunto da reforma ministerial, na verdade, começou a ganhar mais espaço depois das declarações de Aureliano Chaves, que acabou sendo o ponto de partida para o contra-ataque do PMDB ao PFL. “Com essa campanha contra o PMDB, o PFL começa a preparar terreno para abandonar escandalosamente o governo Sarney com uma postura oportunista e opositorista”, deduziu o vice-líder do PMDB, deputado Maurílio Ferreira Lima. “A estratégia do PFL é muito clara. Eles não acreditam mais que o governo Sarney dure por muito tempo e querem sair antes que a situação se agrave. O PFL quer se sair bem com a bandeira das diretas já e a candidatura de Aureliano Chaves à presidência, travestida de oposição.”

Na tentativa de conter os mais exaltados, o ministro Marco Maciel, do Gabinete Civil, apressou-se ontem em lembrar a “importância” da aliança PMDB-PFL para dar sustentação ao governo. E defendeu o Plano Cruzado das críticas que vem sofrendo, embora admitindo que apresente falhas.

Maciel, contudo, não fez abertamente a defesa de Aureliano — essa tarefa coube ao ministro da Educação, Jorge Bornhausen. “As críticas que o ministro Aureliano fez na última terça-feira, não representam um ato de rebeldia do PFL contra o governo”, justificou. “Elas demonstram apenas que há uma efervescência num partido que está vivo.”

Essas explicações, contudo, não deixaram os frentistas mais tranquilos em relação à possibilidade de substituição de algum ministro do partido. “Se houver a substituição de um só ministro do PFL, isso implicará na saída de todos os ministros frentistas e no conseqüente rompimento do partido com o governo”, avisou o vice-líder do PFL na Câmara, Oscar Correia. “Será um por todos e todos por um. Ou saem todos ou ficam todos.”

Apoio

Se depender do novo líder do governo na Câmara, Carlos Sant’Anna, não haverá sequer um arranhão na Aliança Democrática. “Não se trata de saber se a Aliança ainda existe ou não. Ela precisa existir”, determinou ele depois de um “encontro protocolar” que manteve ontem com Aureliano Chaves. “A tormenta vai ser grande e a nau precisa agüentar. E nós, dos dois lados, temos que fazer todo o possível para que a Aliança continue existindo.”

Assim, como visitou Aureliano, Sant’Anna pretende fazer o mesmo com os outros ministros do PFL e, para fechar as conversações, com os do PMDB. E as pretensões de Sant’Anna vão além: nos próximos dias pretende se encontrar com o líder do PTB, deputado Gastone Righi, com quem quer articular o ingresso do partido na Aliança.

Brigas e acusações à parte, os ainda não envolvidos na polêmica PMDB-PFL acreditam que o impasse econômico e político só será superado se Sarney tiver respaldo. E isso não faltará da parte dos governadores nordestinos, segundo promessa feita ontem pelos seis governadores eleitos pelo PMDB (Pernambuco, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Bahia), que participaram de uma reunião com o presidente do BNDES, Márcio Fortes.

E esses governadores consideram o apoio a Sarney tão fundamental que chegaram a defender o mandato de seis anos, com exceção de Miguel Arraes (Pernambuco) e Waldir Pires (Bahia) que, mais cautelosos, preferem deixar a decisão para a Constituinte. “O mandato de seis anos chega a ser vital para o Nordeste”, justificou o governador eleito pelo PFL de Sergipe, Antônio Carlos Valadares. “É a grande oportunidade para a nossa região, já que Sarney é nordestino.”

Nessa reunião pouco se falou em reforma ministerial. Apenas Miguel Arraes tocou no assunto, para observar que mudar pessoas não significa muita coisa se não houver definição de rumos da política econômica: “É preciso refletir. Mudar para fazer o quê?”

Mudanças

Nem reforma ministerial nem busca de fórmulas diferen-

tes. Na opinião do governador do Rio, Leonel Brizola, a “única saída digna” para o Brasil e para o presidente Sarney é a convocação de eleições diretas para a Presidência no prazo mais curto possível. “O País vive uma crise mais grave que a de 1964”, avaliou Brizola. “E o presidente Sarney, indiferente à gravidade do momento, atua no poder como quem conspira em causa própria”.

Brizola estava ontem em Belo Horizonte com o objetivo de lançar sua candidatura a presidente. Mas, cauteloso, preferiu apenas dizer que foi para reivindicar diretas já: “Minha candidatura seria colocada numa postura até romântica, para pressionar a convocação de eleições. Mas eu nunca disse que seria candidato”.

Ao criticar as previsões de Sarney de que a economia pode estabilizar-se dentro de quatro meses, Brizola usou de ironia e acabou atingindo outro alvo: “Essa nem o doutor Roberto Marinho poderá engolir”. E propôs a Sarney que “deixe de ser apegado ao cargo” e “num gesto de lucidez” proponha à Constituinte a convocação imediata de eleições para a escolha de seu sucessor. “Com Sarney na Presidência não há saída digna: ou o País caminha para a recessão ou para a exacerbação total, a desordem, a anarquia.”

O vice-governador eleito de São Paulo, Almino Affonso, também manifestou sua preocupação com o momento político — e concordou com o governador eleito do Rio Grande do Sul, que fez comparações com os tempos que antecederam a queda de Salvador Allende, no Chile. Mas o prefeito Jânio Quadros não acha assim: “O que está faltando é confiança, e sobretudo confiança na ação do presidente. Essa é uma grande nação e dentro da ordem será possível reconstruí-la”.

O otimismo de Jânio é dividido com Orestes Quércia, que garante estar o governo tomando novas medidas de choque, embora não saiba quais. “Quem quer pegar galinha não faz xô”, comparou ele. “É claro que eles não vão anunciar na véspera as medidas de choque”.